

Diálogo entre retórica e argumentação: contribuições e perspectivas dos grupos ERA e PARE

Rhetoric and argumentation: points of view and contributions of two research groups: ERA and PARE

Ana Lúcia Magalhães

Faculdade de Tecnologia de São Paulo - Campus Cruzeiro – São Paulo – Brasil

Luana Ferraz

Universidade de Franca – São Paulo – Brasil

Resumo: Durante séculos, retórica e argumentação permaneceram separadas pela Filosofia e pelo senso comum. À retórica atribuiu-se a investigação da dimensão intersubjetiva da persuasão, e à argumentação, o estudo dos raciocínios e seu encadeamento, conforme a lógica e a dialética. Nos estudos contemporâneos da argumentação, porém, a Retórica clássica persevera associada aos desenvolvimentos da Nova Retórica perelmaniana, que resgata e atualiza seus conceitos no século XX, preservando o vínculo entre provas lógicas e subjetivas. No Brasil, essa associação, que une Retórica clássica à neoretórica de base aristotélica, é explorada por grupos de pesquisa sediados em importantes instituições de ensino superior do país. Neste artigo, discutimos as especificidades relacionadas aos campos da Retórica e Nova Retórica e seus pontos de contato, para situá-los como filiações teóricas privilegiadas na Cartografia da Argumentação no Sudeste (2011-2020) por meio das pesquisas produzidas por dois destacados grupos de pesquisa do campo no Estado de São Paulo, o Grupo ERA – Estudos Retóricos e Argumentativos, da PUC-SP, e o Grupo PARE – Pesquisa em Argumentação e Retórica, da Universidade de Franca. Pela observação dos dados coletados, verificamos, na década cartografada, um período de amadurecimento teórico-metodológico e de novos agenciamentos conceituais nos dois grupos, que produziram movimentos teóricos cujos resultados iniciais se encontram registrados e em condições de subsidiar desdobramentos em pesquisas futuras.

Palavras-chave: Retórica. Argumentação. Grupo ERA. Grupo PARE. Cartografia da argumentação em São Paulo.

Abstract: For centuries, rhetoric and argumentation remained separated by Philosophy and common sense. Rhetoric was attributed to the investigation of persuasion's intersubjective dimension, and argumentation, the study of reasoning and its sequencing, according to logic and dialectics. In contemporary argumentation studies, however, classical rhetoric largely perseveres, associated with developments of Perelmanian New Rhetoric, which revives and updates its concepts in the 20th century, preserving the link between logical and subjective proofs. In Brazil, this association, uniting classical rhetoric with Aristotelian-based neo-rhetoric, is explored by research groups based in leading higher education institutions. In this article, we discuss specificities related to the fields of rhetoric and new rhetoric and their contact points, to position them as privileged theoretical affiliations in the Mapping of Argumentation in Brazilian Southeast (2011-2020) through research produced by two prominent groups in the field within São Paulo State: Grupo ERA – Estudos Retóricos e Argumentativos, from PUC-SP, and Grupo PARE – Pesquisa em Argumentação e Retórica, from Universidade de Franca. Observing the collected data, we verified, during the mapped decade, a period of theoretical-methodological maturation and new conceptual developments in both groups, which produced

theoretical movements whose initial results are registered and capable of informing future research advancements.

Keywords: Rhetoric. Argumentation. Research Group ERA. Research Group PARE. Mapping of argumentation in São Paulo State.

1 Introdução

A suposta dicotomia entre retórica e argumentação parte do princípio de que esses termos residem no objetivo e no método: enquanto a retórica é considerada a arte da persuasão, “é a faculdade de ver teoricamente o que, em cada caso, pode ser capaz de gerar a persuasão” (Aristóteles, s/d, p. 33), com foco no “como” dizer, a argumentação está centrada no exercício, no conteúdo e nas razões que sustentam uma ideia, ou seja, está no exercício da lógica, estruturada na racionalidade.

Dessa forma, o objetivo deste artigo é mostrar de que maneira argumentação e retórica se entrelaçam ou divergem, e evidenciar o trabalho de dois grupos de pesquisa existentes no Estado de São Paulo com vasta produção acadêmica: o ERA – Grupo de Estudos Retóricos e Argumentativos, da PUC de São Paulo, fundado em 2009, e o Grupo PARE – Pesquisa em Argumentação e Retórica, da Universidade Franca (UNIFRAN), fundado em 2013, ambos com pesquisas sistemáticas desde sua criação.

A justificativa surgiu a partir do levantamento sobre a produção de trabalhos de argumentação e retórica na Região Sudeste, no qual as autoras ficaram responsáveis pelo levantamento nas duas universidades que abrigam os grupos: PUC-SP e UNIFRAN.

A metodologia utilizada é a exploratória, com revisão bibliográfica sistemática e integrativa da literatura. A sistemática utiliza uma pesquisa retrospectiva, com levantamento das pesquisas produzidas sobre retórica e argumentação durante a década de 2010 (2011 a 2020) na Região Sudeste, mais especificamente neste texto, na PUC-SP e na UNIFRAN; e a integrativa evidencia os conceitos, aplicações e desdobramentos da retórica e da argumentação.

A questão central de pesquisa é esclarecer se existe diferença entre argumentação e retórica e, caso essa não seja clara, quais os seus tangenciamentos. Para tanto, teremos apoio de Aristóteles (s/d), Cícero (2002), Perelman (1997, 2004), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014); Meyer (2007a, 2007b), entre outros. Feita a discussão das especificidades e pontos de contato dos campos, trataremos de situá-los como filiações teóricas privilegiadas na Cartografia da Argumentação no Sudeste (2011-2020) por meio das pesquisas produzidas pelos grupos ERA e PARE.

2 Retórica como teoria da adesão

Neste artigo, observamos que a Retórica, definida por Aristóteles como “capacidade de identificar, em cada caso particular, os meios de persuadir” (Aristóteles, s/d), para além da ornamentação, é um estatuto epistemológico, ou seja, investiga questões próprias de sua essência, que está situada na fronteira entre a técnica vista como arte (*téckne*), a opinião (*doxa*) e a persuasão, uma vez que é diferenciada do conhecimento científico absoluto (*episteme*). Assim, é possível verificar que *doxa* e *episteme*, nesse sentido, encontram-se em campos diferentes.

Pré-socráticos e sofistas observavam as formas de criar verdades por meio da persuasão e, até por esse motivo, por muito tempo [os sofistas] foram considerados “rivais” dos filósofos, pois estariam preocupados apenas em persuadir, em convencer e vencer uma discussão, postura que podemos, hoje, considerar histórica e falaciosa, uma vez que esses mestres da retórica e oratória não eram manipuladores desonestos da linguagem e de opiniões, porém “estudiosos dedicados a abastecer seus discípulos com técnicas capazes de defender seus interesses” (Magalhães, 2021, p. 48). Em outras palavras, preocupavam-se com a constituição do discurso.

Apesar de criticado, o sofista Górgias, que merece destaque assim como Protágoras, Hípias, Pródico, Trasímaco, por capacitarem os homens para a política e a vida pública, é considerado, em particular, pois associou novo significado ao discurso, o de persuasão performativa. Tal visão reproduzia, para além de uma representação do mundo real, a capacidade de modelar opiniões e, também, sugerir a ausência de necessidade exclusiva de representação do real, porém seria capaz de transformar percepções e a própria compreensão do auditório durante o processo persuasivo.

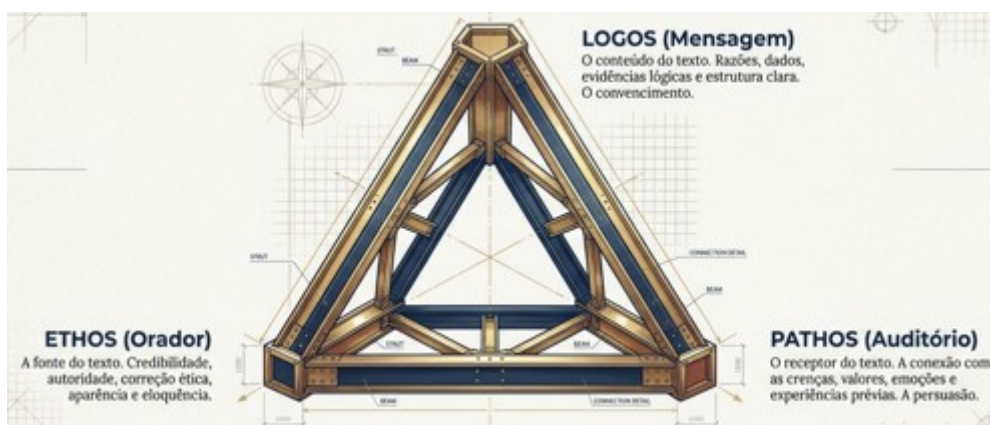
Platão foi o grande crítico dos sofistas e, nos diálogos em que coloca a voz de Sócrates, questionava a Retórica sofística como desconectada da Verdade e do bem genuíno, “Todavia, creio que não dás o nome de retórica a nenhuma das artes mencionadas, embora tenhas dito expressamente que a retórica é a arte cuja força consiste no discurso” (Platão, Górgias, s/d).

Aristóteles transformou a Retórica, caso consideremos a crítica de Platão, e concedeu-lhe estatuto de uma disciplina sistemática quando a definiu como faculdade de “descobrir os meios de persuasão disponíveis em cada caso particular”

(Aristóteles, s/d). Dessa forma, é considerado o sistematizador da Retórica pois a tratou como *téchne* (em algumas traduções “ciência prática”, em outras, “arte”). Viu a Retórica, que buscava a verdade e o consenso em arenas públicas, assembleias e tribunais a partir do verossímil, do provável, também como oposta à Dialética, que buscava a Verdade, as certezas matemáticas em discussões entre especialistas – os filósofos.

Esse filósofo ensinou também que a persuasão não dependia apenas do argumento, mas de três pilares que formam o triângulo retórico como meio de persuasão, pilares esses que são as categorias fundantes da argumentação: *ethos*, baseado na autoridade, na imagem do orador, no seu caráter; *pathos*, entendido como paixão no sentido aristotélico, encontra-se no auditório: são os sentimentos despertados pelo discurso; e *logos*, o reino da argumentação, representada pelos dados, estatísticas, conhecimento, fatos e pela estrutura do raciocínio – é o próprio discurso. A figura a seguir representa os pilares da Retórica aristotélica que, passados mais de 2000 anos, continuam como base. A Figura 1 mostra que há profunda conexão entre os três, uma vez que estão imbricados no discurso.

Figura 1 – Triângulo Retórico



Fonte: as autoras (com base em Aristóteles, s/d)

O estagirita ainda elaborou os discursos em gêneros, de acordo com o tempo: deliberativo (político), com foco no futuro, objetiva estimular ou desaconselhar sobre ações úteis ou prejudiciais; judiciário (forense), centrado no passado, possui a

finalidade de acusar ou defender sobre o justo ou o injusto; e epidítico (demonstrativo), com cerne no presente, tem propósito de elogiar o belo/bom ou censurar o mau/indigno.

Cícero, considerado o maior orador romano, e Quintiliano, o grande pedagogo, foram os condutores da Retórica latina. Enquanto Aristóteles estruturou uma base filosófica e técnica para essa arte, os dois romanos emprestaram um caráter mais prático, político e educacional à disciplina. O primeiro uniu a filosofia grega à prática política e reforçou que o orador ideal não seria apenas aquele técnico que fala, mas um filósofo e estadista, conforme explicado por Ferreira (2010, p. 16). Acreditava que a eloquência sem sabedoria seria perigosa e a sabedoria sem eloquência, inútil. Assim como o estagirita, Cícero reforçou os objetivos do discurso, que, conforme Ferreira (2010, p. 16), são: *docere* (ensinar/provar), *delectare* (entreter/agradar) e *movere* (comover o auditório). Quintiliano preocupou-se com a formação do cidadão e sua principal obra, a *Instituição Oratória*, tratado em 12 volumes, detalha desde a educação infantil até as técnicas avançadas de argumentação. Sistematizou as cinco partes da Retórica: *inventio* (invenção – encontrar o que dizer), *dispositio* (disposição – organizar o discurso), *elocutio* (elocução, tratar o estilo, as figuras), *memoria* (memorizar o discurso) e *actio* (ação – proferir, entregar, gesticular). Os gêneros e as partes da Retórica estão explorados em livros publicados pelo Grupo ERA e comentados no item 5 deste artigo.

A decadência da Retórica não configurou seu desaparecimento, mas perda de função política e epistemológica. A primeira, política, em decorrência do declínio do Império Romano, século I d.C. em diante, que redundou em um desvio de sua função deliberativa e judiciária, no culto à demonstração verbal, com o aparecimento de temas fictícios e mitológicos e em sua elevação à elocução pura, com o uso das figuras de linguagem, adornos e ritmo, bem evidenciados por Tácito, no *Diálogo dos Oradores*. A segunda, epistemológica, impulsionada pelo racionalismo e cientificismo cartesiano, que definiu somente o claro, matemático e evidente como verdadeiro [a Retórica perdeu terreno, considerando atuar no espaço do verossímil, do opinativo]; e pelo empirismo de Locke, que observava a Retórica como campo de ferramentas capazes de insinuar ideias

erradas e mover paixões [obstáculo, portanto, ao conhecimento objetivo]. Com tais desvios ocasionados pelo Iluminismo, a Retórica foi reduzida ao estudo do estilo e das figuras até o início do século XX.

Sua reabilitação ocorreu somente em meados do século XX, mais precisamente em 1958, com o lançamento das obras *O Tratado da Argumentação*, de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca, na Bélgica e *Os Usos do Argumento*, de Stephen Toulmin, na Inglaterra. Outros autores também trataram da Nova Retórica e contribuíram para seu renascimento: Johnstone, nos EUA; Dupréel, na Bélgica; Arendt, na Europa. Magalhães (2025, p. 51 a 53) explica as posições de Perelman & Tyteca, Toulmin e Johnstone relativas ao reaparecimento da Retórica.

Perelman, por exemplo, percebeu que a lógica formal cartesiana não resolveria as questões dos valores (justiça, bondade, ética, liberdade). Voltou-se à noção de ideias claras (lógica cartesiana) e ideias confusas, estudadas por seu professor em Bruxelas, Dupréel, que é, certamente, um elo entre a Retórica clássica e a Nova Retórica de Perelman. As últimas não eram fruto de erro, mas de uma flexibilidade que permite acordo. A partir desses esclarecimentos, Perelman elaborou ampla taxonomia dos argumentos, além de tratar dos pares filosóficos. Retomou Aristóteles e aprofundou alguns conceitos como o de auditório enquanto critério de validade argumentativa.

Aperfeiçoando os estudos de *ethos*, *logos* e *pathos* (paixões aristotélicas), Meyer (2004) entendeu a Retórica como negociação entre orador e auditório e estabeleceu a problematologia como espaço retórico.

Atualmente os estudos retóricos abrangem a estrutura do discurso, a universalidade e o design dos argumentos, o relativismo da ética do discurso, o espetáculo da performance, a microsegmentação do auditório, a identidade dos grupos: uma teoria analítica da adesão.

Assim, percebemos que o excesso atual de informações que atinge os usuários auxilia na recuperação da Retórica com seu papel de “disputa”. Nesta era da *Realidade Líquida* (Bauman, 2024), em que as estruturas sociais, organizacionais e humanas se “desmancham”, se modificam e não conseguem

manter forma fixa por muito tempo, a Retórica pode ser um ponto de conexão. Utilizar a narrativa – discurso do instante – e a persuasão se tornam ferramentas para criar a sensação de ordem e verdade, essa última no sentido aristotélico.

3 Argumentação: entre a prova e a persuasão

Ao tecerem um panorama sobre as pesquisas contemporâneas em argumentação, Lima e Vitale (2021) registram algumas das diversas teorias da argumentação que buscam, de algum modo, retomar a Retórica aristotélica, reformulando-a segundo as necessidades e a complexidade dos discursos hodiernos. Como resultado desse reavivamento dos conceitos clássicos, as pesquisadoras destacam a proliferação de estudos sobre argumentação nas últimas décadas, notadamente a partir dos anos 1990.

Situamos, assim, a teoria da argumentação sobre a qual nos debruçamos prioritariamente neste artigo dentre as elencadas pelas autoras, embora façamos, para isso, um recuo temporal até meados do século XX. A chamada Nova Retórica foi inaugurada, como anunciado anteriormente, na década de 1950, a partir das reflexões do filósofo polonês Chaïm Perelman e da socióloga belga Lucie Olbrechts-Tyteca, que culminaram na publicação do *Tratado da Argumentação: a nova retórica* (2014 [1958]), obra em que os teóricos discutem a racionalidade argumentativa em um contexto comunicacional.

Nessa empreita, Perelman e Olbrechts-Tyteca visam à superação das limitações impostas pela lógica formal pela reabilitação da razão dialética, vinculada ao âmbito da verossimilhança. Desse modo, a filosofia do razoável, proposta pelos autores, não pode ser isolada das circunstâncias em que o discurso se materializa, e sem as quais a adesão se tornaria impossível. A propósito, compreender por quais meios se dá a adesão é objetivo central dos pesquisadores, não apenas nessa obra inaugural, mas nas subsequentes, como afirma Perelman em *Retóricas* (2004 [1989], p. 58): “[...] nossa pesquisa era, e permanece, centrada na adesão que se obtém através de meios de argumentações”.

Posto isso, encontra-se no *Tratado da argumentação*, uma teoria do uso prático da razão, ou ainda, uma lógica dos julgamentos de valor, condicionada pela interação entre orador e auditório. Para os autores da obra:

[...] quando se trata de argumentar, de influenciar, por meio do discurso, a intensidade de adesão de um auditório a certas teses, já não é possível menosprezar completamente, considerando-as irrelevantes, as condições psíquicas e sociais sem as quais a argumentação ficaria sem objeto ou sem efeito. Pois toda argumentação visa à adesão dos espíritos e, por isso mesmo, pressupõe a existência de um contato intelectual (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014, p. 16).

Retoma-se e atualiza-se, assim, no domínio da teoria perelmaniana os conceitos de *ethos*, *pathos* e *logos* desenvolvidos pelos antigos retóricos. O orador, com seu fazer sobre o *logos*, age sobre um auditório; *logos* esse que pode ser traduzido simultaneamente como palavra e como razão, segundo o próprio Perelman (1997 [1977]). Por conseguinte, tratamos da inseparabilidade das duas noções, uma vez que na compreensão dos pensadores greco-latinos “o saber e a palavra não se separavam, o cultivo de um implicando o da outra” (Mosca, 2007, p. 293).

Mesmo aqueles para quem o componente oratório, que privilegia a elaboração estilística e a pronúncia habilidosa do discurso, assume a posição central na educação retórica do orador, como Cícero, exaltam o domínio da tópica aristotélica, a partir da qual desenvolver-se-ia “qualquer trajetória argumental” (Cícero, 2002, II, 152, tradução nossa).

Nessa esteira, o resgate dos estudos da argumentação como herdeiros de uma tradição clássica greco-latina não se faz útil apenas para combater a marca atribuída à retórica no começo do século XX, quando o termo “[...] evoca[va] palavras vazias e floridas, figuras com nomes estranhos e incompreensíveis” (Perelman, 1997, p. 9), mas, sobretudo, contribui para compreender a argumentação como discurso persuasivo.

Há, ainda de acordo com Perelman (2004), uma distinção clássica que opõe os meios de convencer e os de persuadir que ainda nos toca na contemporaneidade. Segundo essa tradição, os primeiros, relativos ao convencimento, são concebidos como racionais, dirigidos, pois, ao entendimento, ao passo que os segundos, que intentam a persuasão, são tidos como irracionais e orientados à vontade.

Logo, para aquele que prioriza a eficácia do discurso, a persuasão se apresenta superior ao convencimento. A fim de ilustrar essa posição, Perelman (2004) nos remete ao verbete oratória da *Enciclopédia Universal Espanhola*, onde se lê que convencer é apenas uma primeira etapa a ser cumprida para que se alcance o objetivo de mover a alma do ouvinte no intuito de fazer com que ele aja conforme as convicções enunciadas pelo orador. O filósofo também acrescenta, a esse respeito, os conselhos de autores norte-americanos que promovem uma “arte de influenciar pessoas” ou de conquistar consumidores, os quais assumem que o homem é, em maior medida, movido mais pela sugestão que pela lógica.

No entanto, a esses opõem-se os racionalistas, para os quais a distinção entre convencimento e persuasão também assume importância, porém, com primazia do primeiro. Para os defensores da supremacia da convicção, os meios interessam mais que os fins. Nesse sentido, seguem Pascal e Kant. Nas palavras de Pascal,

[...] há duas entradas por onde as opiniões são recebidas na alma, que são as suas duas principais potências: o entendimento e a vontade. A mais natural é a do entendimento, pois sempre se deveria aceder apenas às verdades demonstradas; porém a mais comum, embora contra a natureza, é a da vontade; ... esta via é baixa, indigna e estranha: por isso todos a desaprovam (Pascal, 1941, p. 375 apud Perelman, 2004, p. 60).

Kant, por seu turno, produz uma antítese entre objetividade e subjetividade em defesa da convicção:

A crença (o considerar algo verdadeiro) é um fato do nosso entendimento que pode repousar sobre princípios objetivos, mas que também exige causas subjetivas no

espírito do que julga. Quando é válida para todos aqueles que sejam dotados de razão, o seu princípio é objetivamente suficiente e a crença chama-se então convicção. Se tem o seu princípio apenas na natureza particular do sujeito designa-se por persuasão. A persuasão é uma simples aparência, porque o princípio do juízo, que reside unicamente no sujeito, é tido por objetivo. Semelhante juízo possui também apenas um valor individual e a crença não se pode comunicar. Mas a verdade repousa na concordância com o objeto e, por conseguinte, em relação a esse objeto, os juízos de todos os entendimentos devem encontrar-se de acordo (*consentientia uni tertio, consentiunt inter se*) (Kant, 2001, A820/B848).

Percebemos, no excerto da discussão de Pascal, a atualização da crítica platônica à retórica, considerada técnica afeita à manipulação do discurso para o engano. Embora muitos séculos separem Pascal, pensador cristão do século XVII, de Platão, filósofo grego clássico, os dois se aproximam na abordagem dualista da condição humana e na valorização de uma realidade espiritual ou intelectual superior à materialidade sensível.

Ao defender a Dialética, Platão (2017, livros VI e VII) propõe um procedimento ilimitado de racionalização baseado na tríade pergunta – resposta – refutação, que reúne ideias particulares na articulação de uma síntese, a ser novamente decomposta e investigada. Tal procedimento, associado notoriamente à filosofia, deveria conduzir, em seu rigor, a uma conclusão verdadeira. Desse modo, seria possível promover a aproximação entre o raciocínio assentado no particular e as ideias puras ou universais, procedendo, portanto, à sua “descontaminação” em relação ao apetite sensível, o que seria, em última instância, mais adequado à promoção da virtude e da justiça na *pólis*.

Similarmente, Pascal dá aos procedimentos de ação guiados pela vontade, mesmo que mais eficazes, um caráter nocivo, impróprio ao homem que respeita seus semelhantes, ainda que se imponha ao pensador uma dificuldade acerca das verdades divinas, inatingíveis pelo domínio estrito da razão pura, tampouco incompatíveis com a persuasão, como acentua Perelman (2004).

A mesma problemática se apresenta a Kant (2001, A822/B850), para quem a validade subjetiva do juízo, relativa à convicção, ademais de sua validade objetiva, apresenta três graus: opinião, fé e ciência. Eis a distinção proposta pelo filósofo iluminista:

A *opinião* é uma crença, que tem consciência de ser insuficiente, tanto subjetiva *como* objetivamente. Se a crença apenas é subjetivamente suficiente e, ao mesmo tempo, é considerada objetivamente insuficiente, chama-se fé. Por último, a crença, tanto objetiva como subjetivamente suficiente, recebe o nome de *saber* (Kant, 2001, A822/B850, destaques do autor).

Após essa diferenciação o autor acrescenta que à suficiência subjetiva denomina-se convicção, ao passo que à suficiência objetiva designa-se certeza; essa, portanto, válida para todos; aquela, válida para o próprio sujeito. Nesse contexto, o uso transcendental da razão constitui domínio em que não cabe a certeza e que não podemos atribuir, pois, à ciência. Contudo, também não podemos situá-lo no campo da opinião, sendo assim necessário compreendê-lo no âmbito da fé.

Feitas essas considerações, interessa-nos sublinhar, nas reflexões desses filósofos, justamente a falta de apreço pela persuasão, ora mais, ora menos atenuada.

Assim como a tradição filosófica, o senso comum se vale da distinção entre convicção e persuasão; entretanto, Perelman (2004) adverte-nos que precisar a discriminação dos meios de prova concernentes aos dois processos poderia levar à superestimação dos meios de sugestão, próprios da persuasão, em detrimento do raciocínio, vinculado à convicção:

No limite, qualquer deliberação numa assembleia, qualquer defesa, qualquer discurso político ou religioso, a maioria das exposições filosóficas, agiriam apenas por sugestão, e a área desta se estenderia a tudo quanto não pode ser baseado, quer na experiência, quer no raciocínio formal (Perelman, 2004, p. 62).

O mesmo pesquisador registra, entretanto, que a apropriação de uma noção de juízo de valor

legitimada pela filosofia permitiu e até mesmo motivou o reavivamento da retórica no século XX, modificando a relação lógica-retórica, de modo que já não se admite a subordinação da segunda à primeira. Dando prosseguimento a essa perspectiva, Grácio (2010, p. 34), em sua tese de doutoramento, defende que “a argumentação e a retórica tornam-se, de um ponto de vista prático, intermutáveis”, mesmo que, ainda contemporaneamente, a argumentação seja em maior medida relacionada à estruturação do discurso, no geral, e do raciocínio, em particular, e a retórica ao discurso performado e às suas condições de eficácia e influência.

Reconhece-se, dessa forma, o caráter contingencial dos discursos sociais, atravessados por jogos de força e disputas de poder, que pouco se valem de uma racionalidade rígida e desvinculada de emoções, valores, conflitos e estratégias de legitimação. É nessa senda que Meyer (2007a, 2007b), outro autor referencial para as pesquisas dos grupos mencionados neste artigo, atua ao incluir a argumentação em um conceito ampliado de Retórica, uma vez que, para o filósofo, “[...] não há nenhuma argumentação que não seja emoldurada por uma estratégia relacional” (Grácio, 2010, p. 35).

Em realidade, para o pesquisador (Meyer, 2007b), as dimensões retóricas (*ethos*, *pathos* e *logos*) se inter-relacionam necessariamente e comportam a argumentação que se insere no contexto da negociação de uma distância variável que os interlocutores (orador e auditório) negociam a partir de uma questão problemática particular que a eles mesmos também problematiza.

A partir dessas considerações, trataremos da perspectiva retórico-argumentativa adotada pelos grupos de pesquisa ERA e PARE e de sua influência nas pesquisas do campo no Sudeste.

4 O Sudeste como espaço de consolidação teórica

Neste texto, apresentamos a tradição retórica clássica, a neoretórica perelmaniana e sua integração como tendências teóricas de grande relevância nos estudos da argumentação na região Sudeste a partir do levantamento colaborativo de dados que compõem a Cartografia do Sudeste, realizado por 44 pesquisadores da região, conforme noticiam Piris e Azevedo (2026).

É importante considerar que a região Sudeste se consolidou, ao longo de décadas, como um dos principais eixos de produção e maturação teórica dos estudos da argumentação no Brasil, concentrando importantes núcleos de pesquisa e programas de pós-graduação, que se caracterizam pelo intenso diálogo com correntes europeias, como a Nova Retórica, de Chaïm Perelman, a Teoria da Argumentação no Discurso, de Ruth Amossy, e a Teoria da Argumentação na Língua, de Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombe.

Ainda segundo Piris e Azevedo (2026), o estado de São Paulo assume posição central nesse cenário acadêmico, graças à antiguidade e produtividade de suas instituições de ensino superior, às quais puderam ser associadas, na Cartografia, 211 pesquisas (115 dissertações e 96 teses) durante a década de 2010 (2011-2020). Dentre os principais polos institucionais dessa produção, encontram-se a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC - SP), situada na capital paulista, onde está sediado desde 2009 o Grupo de Estudos Retóricos e Argumentativos (ERA), e a Universidade de Franca (UNIFRAN), localizada no interior do estado, e que acolhe, desde 2013, o grupo Pesquisa em Argumentação e Retórica (PARE).

A partir dos dados sistematizados, verifica-se que ambos os grupos atuaram intensamente na formação de pesquisadores na década de 2010, tornando-se referências na investigação de diferentes práticas sociais de linguagem e no uso da argumentação como ferramenta analítica. Juntos, os grupos são responsáveis pela elaboração de 73

trabalhos (30 teses e 43 dissertações) entre 2011 e 2020, o que representa cerca de 34% das produções do estado de São Paulo, tendo como frentes teóricas principais a Retórica clássica e a Nova Retórica. A seguir, apresentaremos, pois, sucintamente, os grupos mencionados e suas recentes produções relativas à investigação da linguagem em uma perspectiva retórico-argumentativa.

5 ERA e PARE: diferentes abordagens de uma mesma matriz retórico-argumentativa

O Grupo ERA, Grupo de Estudos Retóricos e Argumentativos da PUC-SP, foi criado em 2008 pelo Professor Dr. Luiz Antonio Ferreira, em conjunto com um pequeno grupo de estudantes de pós-graduação e mestres (à época) da mesma instituição. Cadastrado no CNPq naquele mesmo ano, seus pesquisadores deram início aos estudos na área da Retórica com finalidade de entender o assunto em profundidade e, com isso, compor um primeiro livro que seria o princípio de uma série.

No primeiro ano de sua criação o ERA também estabeleceu o I Colóquio de Estudos Retóricos, evento anual itinerante que ocorre sempre entre final de outubro e início de dezembro. A partir de 2015, o grupo instituiu a participação internacional e, em 2025, encontra-se na 10ª Jornada Internacional, também anual junto ao Colóquio.

Desde os primeiros estudos, em 2008, a Retórica tem sido observada no grupo como instrumento analítico para a compreensão de sua história e divisões, bem como de sua aplicação aos diferentes discursos, em reuniões quinzenais na PUC-SP. Dessa forma, ela é estudada nos discursos: jurídico, social, educacional, filosófico, científico, político, religioso, jornalístico, organizacional, entre outros.

Durante a pandemia o grupo manteve suas atividades não apenas inalteradas, mas inovou. Foram mantidas as reuniões quinzenais, de forma online, intercaladas com palestras a cada semana em que não estavam previstas as reuniões, de forma que as atividades praticamente duplicaram.

Considerando a dedicação e empenho com que os membros se comportaram e se conduziram durante a pandemia, pode-se depreender que se mantiveram devido à importância que têm atribuído aos estudos da Retórica.

O grupo cresceu e, em 2026, conta com mais de 50 participantes efetivos, em sua maioria mestres e doutores com atuação em eventos e publicações nacionais e estrangeiras. Há também presença significativa em pesquisas interdisciplinares. Dos livros publicados, dois se encontram com a primeira edição esgotada e alguns têm possibilidade de acesso, seja no site do Grupo ERA (<https://www.estudosretoricos.com.br/>), seja por meio da Editora.

A primeira das publicações é o livro *As mulheres que a gente canta*, de 2009, revista e ampliada em 2017, e que mostra que a constituição identitária de um indivíduo se dá pela superposição de recortes que abarcam, por um lado, o continental, o nacional, o regional, o local; por outro, influências de ordem etária, de classe, gênero, além de sofrer intervenção de grupos étnicos, raciais e até profissionais.

Retórica do Medo, Retórica do Opressor e Retórica do Risível, trilogia publicada nos anos de 2010 a 2014, mostra que a linguagem, por sua natureza polissêmica, possui dimensões argumentativas, semânticas e hermenêuticas capazes de persuadir e convencer, que ocupam o cerne de uma dimensão retórica relevante para a interação verbal. No volume *Retórica do Opressor* são mostrados conflitos e paixões constituídas no e pelo discurso de opressor e oprimido, que absolvem ou condenam, louvam ou censuram. As formas de opressão se manifestam no jogo, nem sempre explícito, de identidade e diferença, em que o orador se esforça para manter a relação de poder em que convencer é vencer. Em *Retórica do Risível* há uma reflexão das diversas visões de vários teóricos que estabelecem diferentes perspectivas sobre o tema e principalmente os aspectos retóricos do risível. São abordados distintos ângulos analíticos da

potencialidade persuasiva do discurso do humor e do risível.

O livro publicado em 2017, *Artimanhas do Dizer – Retórica, Oratória e Eloquência*, aborda, a partir de conceitos estudados pela Retórica, os efeitos persuasivos obtidos pela articulação da linguagem no discurso e traz contribuições das pesquisas linguísticas modernas para analisar a obtenção dos atos e da força retóricos.

Retórica, Escrita e Autoria na Escola, livro publicado em 2019, mostra que a Retórica, mesmo em formas mais primitivas, tem sido utilizada como instrumento que transcende uma descrição utilitária e, assim, a escola dela se utiliza mesmo de maneira inconsciente. Os textos aí escritos pelos pesquisadores do grupo mostram a importância do auditório e da tríade aristotélica e enfatizam as partes do discurso no auxílio à leitura e autoria.

Pode-se afirmar que a trilogia *Ethos, Pathos e Logos*, composta por livros publicados entre 2019 e 2020, consolida importante etapa nos estudos retóricos contemporâneos no Brasil. Em *Ethos*, encontra-se a teorização, sob vários pontos de vista, de diversas aplicações e análises de gêneros e graus de influência persuasiva do *ethos* em cada um deles: a construção poética do *ethos* em autobiografia, o fortalecimento do *ethos* de pastor no discurso religioso, as representações dos discursos institucionais, o discurso pedagógico com seus reflexos sociais e políticos. *Pathos* conduz o leitor a compreender o universo passional e mostra sua força, às vezes não considerada tão importante pelos analistas, no discurso. *Logos*, volume que finaliza os estudos do tripé aristotélico, base da retórica, efetuados durante três anos pelos pesquisadores do grupo ERA, traz um estudo específico e aprofundado sobre o *logos*, prova retórica que completa a trilogia em que a polêmica é, assim, tratada sob diversos ângulos analíticos.

Ademais desses livros, o grupo possui ampla produção de artigos apresentados em congressos e eventos na área, além de teses de doutorado e dissertações de mestrado orientadas por pesquisadores a ele pertencentes e que são

mostradas na cartografia do Sudeste em São Paulo (2011-2020).

Outro grupo com contribuições significativas dos pontos de vista quantitativo e qualitativo no cenário das pesquisas em Retórica e argumentação no Sudeste é o Grupo PARE – Pesquisa em Argumentação e Retórica, sediado na Universidade de Franca (UNIFRAN), no interior de São Paulo. Fundado em seis de dezembro de 2013, pela professora Dra. Maria Flávia Figueiredo, o grupo, certificado pelo CNPq e, portanto, oficialmente inserido no Diretório de Grupos de Pesquisa do Brasil, está ligado ao Programa de Pós-graduação em Linguística da UNIFRAN e funciona como núcleo de pesquisa e formação de pesquisadores nas áreas de retórica e teorias da argumentação.

Atualmente, o PARE organiza as suas investigações em três principais grandes eixos: i) retórica e argumentação em textos verbais e sincréticos: no qual desenvolvem-se estudos das estratégias de adesão em gêneros discursivos de variados campos (midiático, artístico, político, religioso, escolar, entre outros), considerando-se a variedade de semioses envolvidas na produção dos efeitos persuasivos; ii) retórica e direito: no qual promovem-se análises retóricas mais centradas nas especificidades do discurso jurídico; iii) retórica e linguística cognitiva: que reúne pesquisas dedicadas a compreender os processos cognitivos na argumentação e, especialmente, nas conexões entre emoção, cognição e persuasão.

Tais direcionamentos são observáveis nas publicações regulares do grupo, que abrangem artigos publicados em periódicos especializados das áreas de linguística, direito e educação, capítulos e livros coletivos. Nesse sentido, constituem exemplos representativos as obras coletivas *O animal que nos habita: a retórica das paixões em Relatos Selvagens* (2016), organizada por Maria Flávia Figueiredo, Fernando Aparecido Ferreira e Maria Sílvia Rodrigues-Alves; *Retórica e multimodalidade* (2018), organizada pelos líderes do grupo à época, Maria Flávia Figueiredo e Fernando Aparecido Ferreira; e *Trajatória das paixões: uma retórica da alma* (2020), organizada

por Maria Flávia Figueiredo, Acir de Matos Gomes e Luana Ferraz. Nessas publicações, revela-se a atuação interdisciplinar do PARE, que dialoga com os estudos literários, os estudos culturais, as teorias da comunicação, do direito e do design, além de outras áreas dos estudos do texto e do discurso.

Ademais, essas produções também deixam patente outra marca singular do grupo: a ênfase na dimensão afetiva da persuasão (*pathos*). Nesse caminho, o PARE se diferencia por investir em um estudo sistemático das paixões a partir de uma teorização própria, a *Trajatória das Paixões*, proposta por Maria Flávia Figueiredo (2019, 2020), que, em síntese, busca explicar como as emoções se constroem progressivamente no discurso, como elas organizam a adesão do auditório e como se articulam com as outras dimensões do discurso persuasivo conforme a Retórica clássica (o *ethos* e o *logos*).

No campo brasileiro, o PARE se posiciona, portanto, ao lado de outros grupos que se filiam à tradição retórica pelas vertentes da retórica clássica e neo-aristotélica e da nova retórica perelmaniana, como o grupo ERA – Estudos Retóricos e Argumentativos, da PUC – SP, que recuperam conceitos clássicos reinterpretados em um quadro linguístico-discursivo contemporâneo. Nesse aspecto, o grupo também se distancia de parte da tradição brasileira, que trata da argumentação linguística ou como fenômeno pragmático.

Todas as principais articulações teóricas e frentes temáticas do PARE, expostas até aqui, são parcialmente confirmadas na cartografia da argumentação em São Paulo (2011-2020), na qual foi compilado um total de 27 pesquisas de mestrado em análise da argumentação produzidas no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade de Franca, das quais 22 foram realizadas por membros ou ex-membros do grupo a partir de sua fundação, em 2013. Vinte e uma dessas pesquisas mostram a articulação entre a Retórica aristotélica e a Nova Retórica perelmaniana, ao passo que apenas uma se vale exclusivamente dos fundamentos clássicos.

Quanto às categorias analíticas, observa-se a prevalência das provas afetivas (*ethos* e *pathos*), que

contabilizam as categorias preferenciais de 14 (63,6%) das pesquisas coletadas. Contudo, preserva-se, nas análises, a relevância dos elementos discursivos, notadamente das figuras, lidas a partir da classificação perelmaniana, e da tipologia argumentativa, também proposta pelo autor, em colaboração com Olbrechts-Tyteca (2014).

Verifica-se, a partir desse cruzamento, a tônica na compreensão das categorias linguístico-discursivas (referenciadas como elementos dos *logos*) na mobilização de efeitos emocionais e/ou na construção da imagem discursiva do enunciador. Assim, reconhecemos que, no âmbito das pesquisas desenvolvidas pelo grupo, a argumentação é analisada a partir do conjunto de “técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão” (Perelman; Olbrecht-Tyteca, 2014, p. 4) do enunciatário, especialmente por vias afetivas, e não apenas como “processo racional” (Toulmin, 2001 [1958], p. 11), que visa à apresentação, confirmação ou refutação de teses. Nesse sentido, no PARE, argumentação e persuasão permanecem inseparáveis.

6 Considerações finais

Em sua *L'art d'argumenter: structures rhétoriques et littéraires* (1992), Gilles Declercq situa a retórica como primeira escola da argumentação, reavivada por investigações contemporâneas, que recuperam suas principais categorias e reafirmam seu valor metodológico a partir do século XX, após a progressiva perda de prestígio ocorrida desde o fim do período clássico.

Nessas pesquisas, atualmente incorporadas pelas áreas de Letras e Linguística ao domínio dos estudos da argumentação, são reabilitadas as dimensões fundamentais (*ethos*, *logos* e *pathos*) e a estrutura arquetípica (*heurésis* (gr.) / *inventio* (lat.); *táxis* (gr.) / *dispositio* (lat.); *léxis* (gr.) / *elocutio* (lat.), *hypocrisis* (gr.) / *actio* (lat.) e *memoria* (lat.)) do discurso persuasivo propostas pela retórica greco-latina. Assim, obras de filósofos, retores e educadores da Antiguidade, como Aristóteles, Cícero e Quintiliano, voltam à ordem do dia, dando azo ao desenvolvimento

de pesquisas que procuram, sem incorrer em anacronismos, analisar manifestações discursivas de diferentes campos, para além dos tradicionais discursos jurídicos, políticos, religiosos e literários, mais frequentemente associados à tríade clássica dos gêneros oratórios (jurídico, deliberativo e epidítico).

Como nos lembram Corbett e Connors (2022, p. 42), práticas e princípios não devem ser preservados apenas pela venerabilidade que adquirem com o tempo, mas “[...] devem ser seguidos somente se forem relevantes e úteis”. A lógica do plausível provou-se, assim, mais uma vez, reconhecidamente útil a partir da renovação operada por Chaïm Perelman. Em uma busca por compreender os fundamentos racionais dos julgamentos de valor, o filósofo do Direito foi conduzido à Antiguidade, numa reabilitação da Dialética. Longe de consubstanciarem uma recuperação acrítica, as reflexões sobre o exame do discurso argumentativo ganharam uma ampliação significativa sob a lupa do pesquisador belga (Coelho, 2014).

Em um prolongamento explícito da teoria aristotélica, a sistematização dos lugares da argumentação; das categorias de figuras, consideradas por suas funções argumentativas; e de uma tipologia dos argumentos; além do enriquecimento teórico-metodológico promovido pela introdução de novos conceitos de auditório tornaram a Nova Retórica especialmente operativa na análise dos encadeamentos argumentativos nos discursos contemporâneos. Reconhecida nessas qualidades, a teoria ganhou grande número de adeptos no Brasil e se tornou filiação preferencial de alguns dos principais grupos de pesquisa do Sudeste.

Dentre esses, destacam-se, na Cartografia da Argumentação produzida por pesquisadores vinculados às principais instituições de ensino da região, os grupos ERA e PARE, especializados na produção de análises discursivas a partir da intersecção entre Retórica clássica e Nova Retórica. Neste artigo, dedicamo-nos a mostrar como a operacionalização dessas teorias pelos dois grupos reafirma a inseparabilidade entre retórica e argumentação e, além de indicar sua continuidade,

indica possibilidades de aprofundamento do campo na análise de uma lógica das emoções.

O conjunto das teses e dissertações produzidas por membros e ex-membros dos grupos e registradas pela Cartografia da Argumentação em São Paulo (2011-2020), quando observado para além da relevância quantitativa, também revela, qualitativamente, um momento de amadurecimento teórico-metodológico e proposição de novos agenciamentos, que produzem movimentos importantes na compreensão da convergência entre provas, valores e afetos. Nesse sentido, destacamos, por exemplo, o percurso de pesquisa que conduziu ao desenvolvimento da proposta teórico-metodológica da Trajetória das Paixões (Figueiredo, 2019, 2020). Assim, para a próxima década, esperamos que tais reflexões emergentes e outras, resultantes de novas interfaces teóricas, tragam contribuições consistentes à discussão do trabalho linguístico-discursivo próprio à argumentação, na sua reconhecida relação com o intelectualizável, mas também na menos explorada relação com o sensível.

Referências

- ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. 14ª edição. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- COELHO, Fábio Ulhoa. Prefácio à edição brasileira. In: PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2014. p. XI-XVIII.
- CICERÓN. *Sobre el orador*. Introducción, traducción y notas de José Javier Iso. Madrid: Gredos, 2002.
- CORBETT, Edward P. J.; CONNORS, Robert J. *Retórica clássica para o estudante moderno*. Tradução de Bruno Alexander. Campinas, SP: Kírion, 2022.
- DECLERCQ, Gilles. *L'art d'argumenter: structures rhétoriques et littéraires*. Paris: Éditions Universitaires, 1992.
- DUPRÉEL, Eugène. *Traité de morale*. Bruxelles: Presses Universitaires de Bruxelles, 1932.
- FERREIRA, Luiz Antonio. *Leitura e Persuasão: princípios de análise retórica*. São Paulo: Contexto, 2010.
- FERREIRA, Luiz Antonio. *Inteligência Retórica: Ethos*. São Paulo: Blucher Open Access, 2019.
- FERREIRA, Luiz Antonio. *Inteligência Retórica: Pathos*. São Paulo: Blucher Open Access, 2020.
- FIGUEIREDO, Maria Flávia; FERREIRA, Fernando Aparecido; RODRIGUES-ALVES, Maria Sílvia (Org.). *O animal que nos habita: a retórica das paixões em Relatos Selvagens*. Franca, SP: Unifran, 2016.
- FIGUEIREDO, Maria Flávia; FERREIRA, Fernando Aparecido (org.). *Retórica e multimodalidade*. Franca, SP: Unifran, 2018.
- FIGUEIREDO, Maria Flávia. A trajetória das paixões: Aristóteles, a Retórica das Paixões e suas implicações no contexto discursivo/argumentativo. *Sinergia* (Revista Científica do Instituto Federal de São Paulo), v. 20: Edição Especial – Comunicação Científica, Cognition e Persuasão, p. 6-17, set. 2019.
- FIGUEIREDO, Maria Flávia; GOMES, Acir de Matos; FERRAZ, Luana (Org.). *Trajetória das paixões: uma retórica da alma*. Franca, SP: Unifran, 2020.
- FIGUEIREDO, Maria Flávia. Ampliação e aplicabilidade analítica da trajetória das paixões. In: FIGUEIREDO, Maria Flávia; GOMES, Acir de Matos; FERRAZ, Luana (Org.). *Trajetória das paixões: uma retórica da alma*. Franca, SP: Unifran, 2020. p. 29-55.
- GRÁCIO, Rui Alexandre Lalanda Martins Grácio. *Para uma teoria geral da argumentação: questões teóricas e aplicações didáticas*. 2010. 434f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2010.
- KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

- LIMA, Helcira Maria Rodrigues de; VITALE, Alejandra. Perspectivas sobre a argumentação: breve panorama. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 29, n. 4, p. 2175-2200, 2021.
- MEYER, Michel. *A retórica*. Tradução de Marly N. Peres. São Paulo: Ática, 2007a.
- MEYER, Michel. *Questões de retórica: linguagem, razão e sedução*. Tradução de António Hall. Lisboa: Edições 70, 2007b.
- MOSCA, Lineide Salvador. O espaço tensivo da controvérsia: uma abordagem discursivo-argumentativa. *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 9, p. 293-310, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i9p293-310>. Acesso em: 11 mar. 2026.
- PERELMAN, Chaïm. *El imperio retórico: retórica y argumentación*. Traducción de Adolfo León Gómez Giraldo. Santafé de Bogotá, Colombia: Editorial Norma, 1997.
- PERELMAN, Chaïm. *Retóricas*. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.
- PIRIS, Eduardo Lopes; AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de. Cartografia da argumentação em São Paulo (2011-2020): territorialidades teóricas, agenciamentos conceituais e linhas de fuga. *Signo*, Santa Cruz do Sul, RS, [no prelo].
- PLATÃO. *A República*. Introdução, tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2017.
- PLATÃO. *Górgias*. Obra sobre suposto diálogo entre Sócrates e Górgias. s/d. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000034.pdf>. Acesso em 10 mar. 2026
- TOULMIN, Stephen Edelston. *Os usos do argumento*. Tradução de Reinaldo Guarany. São Paulo: Martins Fontes, 2001.